

Prefácio

Os trabalhos do P^e. Luis de Azevedo Mafra que agora se publicam constituem uma contribuição invulgar para a história contemporânea da diocese de Lisboa.

- Invulgar, antes de mais, quanto ao objecto, uma vez que a escassa produção nesta área não costuma debruçar-se sobre os temas que o autor aqui desenvolve. Há, decerto, algumas descrições de dioceses em geral; encontram-se monografias territoriais ou biográficas, certos trabalhos sobre instituições, pessoas, centros ou movimentos de espiritualidade e apostolado. Há um pouco de tudo isto e, por vezes, de indiscutível qualidade histórica ou documental.

Mas são ainda menos os estudos sobre aspectos mais situados da vida pastoral diocesana, ou sobre a repercussão e concretização locais de fenómenos eclesiais de natureza global, como foi o caso do Concílio Vaticano II.

O catolicismo português — ou lisbonense, se retrairmos o âmbito — realiza indubitavelmente muito, mas recorda geralmente pouco. Mormente, se esta recordação não se ficar pelas lembranças avulsas dos intervenientes ou dos seus ouvintes. Falecida a testemunha, diluída a evocação directa, fica em regra muito pouco e por pouco tempo; com o perigo certo do “quem conta um conto aumenta um ponto...”.

- Exemplos? — Onde estão os relatos escritos do que foi o catolicismo militante de dioceses, paróquias, associações ou vidas pessoais, no pós 1910, no pós 1926, ou 1940, ou 1974? Do que realmente se viveu, na adaptação prática e mental às condições trazidas pela 1^a República, o Estado Novo, a Concordata ou o 25 de Abril? Ou, mais por dentro do próprio catolicismo, o Concílio Vaticano II?

Há pouca coisa, na verdade. Tanto mais quanto essa vitalidade não se concretizou em sentido único e muito menos unívoco, em todos e cada um de tais momentos, antes conheceu

variedades e até tensões internas que, sem porem em causa a concordância nos fins, procuraram diferentemente os meios. Como sucede em todas as fases da vida eclesial, também nestas mais próximas se assistiu a maiores ou menores debates internos sobre o lugar da Igreja no mundo, como modo de estar e proposta de actuação na sociedade.

- E o que foi, como vivência concreta de tantos e tantas, a grande campanha de catequização paroquial, desde os inícios do século e especialmente depois do Concílio Plenário Português (1926)? Ou a mobilização do catolicismo "político" na defesa das instituições eclesiais, da Lei da Separação de 1911 à Concordata de 1940? Ou na sensibilidade à justiça social, antes e depois dos estímulos de João XXIII? Ou a militância geral e de meio sócio-profissional dos membros da Acção Católica Portuguesa, a partir de 1933? Ou a "mística" própria dos associados de grupos tão díspares como os Escuteiros Católicos, os Vicentinos (das Conferências de S. Vicente de Paulo), os inscritos no Apostolado da Oração, na Cruzada Eucarística, etc, etc?

Juntemos-lhes mais. Juntemos-lhes especialmente as vivências sacerdotais dos padres da 1ª República ou dos que se lhes seguiram, a partir dos Seminários relançados nos anos trinta; ou o surto do apostolado ultramarino no quadro do Acordo Missionário de 1940; ou a vida religiosa masculina e feminina, depois de tolerada ou de novo autorizada do sidonismo em diante...

-Onde encontraremos, mais perto ainda, os testemunhos duradouros do que foi a renovação eclesial do pós-guerra, preparando ou realizando o Vaticano II? Esta mesma, procurando novos enquadramentos da vida e do apostolado, quer redescobrimo a vida conjugal-familiar como célula eclesial, quer criando conjugações novas e além do quadro sócio-profissional que continuou a especificar a Acção Católica, quer repondo o cristianismo como forte descoberta pessoal e princípio de vida realmente nova (dos Cursos de Cristandade, o Movimento por um Mundo Melhor, ou outros de meados do século, aos sucessivos movimentos de espiritualidade e apostolado que se têm multiplicado entretanto?

-Onde recolheremos, na verdade, o alento e o aroma da "Primavera da Igreja" que foi o Concílio, com as suas propostas de corresponsabilidade eclesial, de inspiração bíblica, de participação litúrgica, duma nova atitude face aos "irmãos separados" ou aos apelos do mundo, lidos agora como "sinais dos tempos"?

-Onde encontramos tudo isto, e também — havemos de acrescentá-lo, pois se trata da verdade histórica — as resistências e os porquês delas, os desvios ou mesmo as desistências, com os seus porquês também? Onde encontraremos, afinal, o catolicismo vivo e vivido, sonhado ou sofrido, de um século tão acelerado e repleto?

Alguma coisa há, é verdade. Mas realmente pouco e desigual. Nas histórias gerais do país, que se vão sucedendo com o maior interesse, dá-se sempre lugar à componente religiosa e à católica em particular. Um lugar novo e mais detido, com a consideração pacífica de aspectos pouco usuais, a atenção ao catolicismo global e articulado com a sociedade em geral, às respectivas relações sempre variáveis e interinfluentes. Mas as abordagens ainda serão demasiado estruturais, privilegiando sobretudo os aspectos institucionais e funcionais. As movimentações internas da Igreja, como orientação do espírito ou perspectivação da existência, os desígnios e os compromissos, aparecem pouco ou nada. Porventura, porque o observador se situa demasiadamente "de fora" para se aperceber deles sequer.

É por tudo isto que a presente contribuição do P^o. Luís de Azevedo Mafra tem tanta oportunidade e importância. Versa acontecimentos determinantes da história recente da Igreja de Lisboa, em ligação com outros da Igreja em geral (no episcopado do Cardeal Cerejeira na diocese e nos pontificados de Pio XI a Paulo VI na Igreja universal). A narrativa faz-se sempre a partir do observador, da sua experiência eclesial. Mas, se esta característica lhe dá uma forte conotação pessoal, tem por si duas componentes particularmente enriquecedoras: o variado percurso ministerial do autor (vida paroquial, Acção Católica, responsabilidades múltiplas na diocese e no presbitério); e a anotação rigorosa de tudo aquilo em que participou de perto, dando ao relato grande segurança e fidedignidade.

Ganharemos certamente todos quando outros testemunhos se sucederem a este, alargando a recordação colectiva com a variedade das observações particulares. Que o exemplo do P^e. Luis de Azevedo Mafra possa incentivar outras “memórias” a passarem à escrita e ao futuro a experiência viva do século eclesial que agora se perfaz.

MANUEL CLEMENTE